

Fell
82
129729

Antigua vida minha/trecho

Marcela Serrano



Mercosur lee

CHILE

“Antigua vida mía” (fragmento) de Marcela Serrano
en *Antigua vida mía*, Editorial Alfaguara, 1995.

© Marcela Serrano

© Guillermo Schavelzon & asociados

Agradecemos la gestión de Mónica Herrero

Traducción al portugués: Laura Berchansky

Agradecemos la colaboración de la Embajada de Brasil en Argentina

Imagen de tapa: Mariana Monteserin

Diseño de colección: Campaña Nacional de Lectura

Colección: “Mercosur lee”

Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología

Unidad de Programas Especiales

Campaña Nacional de Lectura

Pizzurno 935. (C1020ACA) Ciudad de Buenos Aires. Tel: (011) 4129 1075

campnacionaldelectura@me.gov.ar - www.me.gov.ar/lees

República Argentina, 2005

ANTIGUA VIDA MINHA

(TRECHO)

MARCELA SERRANO



Primeira Parte FIM DE FESTA

(Segundo a gravura de José Clemente Orozco,
Hospício Cabañas, Guadalajara)

1.

Hoje caiu o muro de Berlim.
Tudo começou em 9 de novembro de 1989 com a queda do muro. Como saber quanto mais vai se derrubar com ele?

Foi o que disse Violeta Dasinski esse dia.

Se tivesse sido mais esperta poderia ter sido testemunha.

Na fotografia seu olhar oferece um desamparo que não tinha notado até agora. Como se sua consciência se dissolvesse nos seus olhos.

A data do início da vida pública de Violeta Dasinski foi o dia em que apareceu seu nome na primeira página dos jornais, no dia 15 de novembro de 1991.

Fui acordada e de repente chegaram o fim do sonho e o começo da memória. Violentamente voltei atrás, retomando a lembrança, prévio longo passeio do inconsciente. Andrés trazia o café da manhã e, na bandeja, o jornal da manhã. Então a vi.

Pesquisei esse rosto na fotografia. Mas é outra a Violeta que me persegue: o rocio cor-de-rosa sobre sua máscara de arlequim –Palhaço ou Pierrô?– e as mãos do maquiador transformando-a na tristeza veneziana, confetti dourado e vermelho sobre seu peçoço.

Eu tinha uma tarefa.

Peguei a chave do carro e parti.

–Vai estar toda a imprensa, Josefa. Não o faça! –André não dissimulava sua preocupação.

–Não tenho alternativa.

–Então vou eu.

–Não, este é um assunto meu com Violeta.

Na medida que avançava para o bairro de Ñuñoa, um calofrio ia escorregando-se por meu corpo. Ao seguir pela rua Gerona para estacionar em frente à casa de Violeta, ví dois policiais protegendo a porta de entrada. Efetivamente, toda a imprensa estava ali, à espera.

Parece que me reconheceram e renovaram sua coragem, então lançaram-se sobre mim, como uma avalanche. Os dois policiais saíram em minha defesa. Um pegou o meu braço.

–Mas é você! O que está fazendo aqui?

–Quero entrar, preciso falar com a sua filha.

–A casa está desabitada. A menina foi levada embora.

–Por favor, me deixe entrar. Sou amiga da família. Preciso tirar algo –o policial olhou perplexo–. São coisas minhas, as deixei aqui dias atrás e não quero que ninguém as leve embora... –enquanto eu abaixava o tom a incerteza aumentava no seu olhar–. Seja bom...

Eu não tive dúvidas que seu desejo era agilizar meu ingresso, mas isso podia lhe prejudicar. Olhou seu colega. Ele vigiava os jornalistas, que não desistiam e tentavam, aos gritos, me fazer perguntas.

–O senhor venha comigo –lhe propus–, assim poderá verificar que eu não tenho intenções ruins.

–Não acho isso, senhora. Vamos, por ser a senhora... a acompanho.

Continuei andando, sentindo os passos do policial nas minhas costas e percebendo sua curiosidade: quase podia tocá-la. Já no interior de um longo e escuro corredor do bairro de Ñuñoa –todas as cortinas fechadas–, me dirigi, sem vacilar, até a galeria. Sem pedir licença, o sol da manhã entrava pelos diversos

vidros pequenos da grande janela. Detrás deles se encontrava o nostálgico pátio. Me sobressaltei, era como se Violeta estivesse me esperando sentada no sofá de linho florido. No ar havia cheiro de incensos, de velas perfumadas. Acontece que Violeta e essa galeria eram uma coisa só, uma dava sentido à outra, tornando-se semelhantes, se unindo. Mas, certamente, ela não estava ali.

Do lado direito, encostado contra o grosso muro verde, reuposava o baú. A caixa retangular de vime envernizado de cores castanho e amarelo, continha os diversos vidros e aguardava por mim. “Minha avó Carlota salvou o baú do terremoto de Chillán”, tinha me contado muitas vezes Violeta, como se eu não o soubesse. Abri o baú rapidamente, sua chave nunca funcionou bem, e revolvi, naquela ordem desordenada: livros, livretos, blocos, impressos, desenhos. Minha mente não parava: onde estão, eu não pude registrar tudo. Supõe-se que são meus, que devo saber... Os vi, eram vários cadernos desiguais, amarrados com um fio simples. E por cima deles, um caderno grande encadernado em couro marrom. Se não o tivesse consertado eu mesma, dificilmente o teria reconhecido. Peguei o caderno, decidida, e o carabineiro pareceu aliviado.

–Isso é tudo?

Duvidei. E os outros, estavam amarrados?

Apenas um caderno nas minhas mãos parecia inofensivo, verossímil, um objeto que eu mesma teria esquecido. Mas, e os outros? Não tinha coragem de deixá-los ali. Foi Violeta, ela me deu coragem.

Os tomei.

–Isto é tudo? –o olhei, segura, enquanto tentava colocar aquele fardo dentro da minha bolsa.

– Senhora... –vacilava o pobre, seu olhar escuro se dirigia da bolsa para meus olhos, de meus olhos para a bolsa. Então fiz algo impróprio do meu caráter: ofereci um autógrafo. Aquele olhar oscilante se iluminou.

Avancei até a escrivaninha de Violeta. Por costume, ela sempre tinha papel disponível à mão. Ao lado da resma havia um livro aberto na página 90.

Depois de perguntar ao policial pelo seu nome, lhe ofereci um longo e carinhoso cumprimento.

Minha saída foi triunfal. (Coitado do Andrés! Como explicar que ele não o teria conseguido?) Havia estado tão concentrada na minha tarefa que tinha esquecido a imprensa. Fiquei com muita raiva quando, ao atravessar o portão, senti o calor dos focos no rosto: a televisão havia chegado. Sem titubear, eu solicitei ao policial, com seu autógrafa no bolso, que me acompanhasse até o carro: eu não tinha nada a declarar.

Depois de três quarteirões minha aparente elegância desabou. Ao me aproximar da escrivaninha de Violeta tinha lido a página 90 desse livro aberto. Não pude deixar de fazer isso. Suponho que foi o último que Violeta leu. Aqueles dois parágrafos, sublinhados com linha insegura e com tinta de cor café, me surpreenderam.

A página era "Poem of Women", de Adrienne Rich. Ah, Violeta, meu desejo não foi procurar o desencontro! Não, acredite que eu não escolhi ser essa desatenta testemunha do que estava acontecendo.

Posso reproduzir o sublinhado, o decorei:

And all the limbs of a woman plead for the ache of birth.

And women come sown ti lie sick sheep

By the wells –to heal their bodies,

Their faces blackened with year-long thirst for a child's cry

...

and pregnant women approach the white tables

of the hospital

with quiet steps

and smile at the unborn child

and perhaps at death.¹

Violeta, diga-me que seu sorriso foi para a criança não nascida, mas não me diga se foi para a morte.

1 E o corpo inteiro da mulher suplica devido à dor do parto. / E então chegam elas, as mulheres, como ovelhas feridas, / buscando a cura de seus corpos –junto aos poços–, / seus rostos sombrios pela longa e sedenta espera pelo canto de um recém-nacido. / (...) E as mulheres grávidas se aproximam das camilhas brancas do hospital / com passos silenciosos / e sorriem à criança ainda não nascida / e lhe sorriem, acaso, a morte.

Acontece que durante o sono tinha voltado a mim uma imagem já esquecida. Nessa difícil hora de acordar, esta imagem estabeleceu uma relação entre o presente e a véspera. Andrés apareceu com o jornal. Começava a me acostumar com esta nova realidade quando, de repente, senti uma dor na cabeça, no passado.

Uma imagem da infância.

Violeta chegando na minha casa com uma caixa de papelão nas mãos. A caixa era bastante grande e um ligeiro tremor do corpo de Violeta denunciava o esforço que ela tinha feito para segurá-la, cuidadosamente, durante o trajeto de ônibus da sua casa até a minha.

–Você pode guardar a caixa? –perguntou com olhos de menina, entre inquisitivos e receosos.

Com o mesmo desgosto com que se entrega um tesouro em custódia, esticou suas mãos, colocando a caixa nos meus braços.

–Qual é o lugar mais seu de toda a casa, aquele espaço onde só você chega? Suas palavras soavam tão sérias que fiz um esforço para responder à altura.

–Minha cama.

–Vamos. Já.

Subimos silenciosas até o meu quarto. Tirou a caixa e ela mesma a colocou debaixo da cama.

–Pronto.

la partir quando lhe pedi uma explicação.

–Amanhã é a famosa mudança e sei que ninguém vai respeitar minhas coisas. Os adultos acham que são bugigangas. Por isso eu quero que você guarde todos os meus tesouros até que o perigo passe, quando tenham consertado a nova casa. Assim, ninguém pode extraviá-los.

Quando ia embora fixou o olhar em mim.

–Você vai os cuidar, verdade, Josefa?

No dia seguinte se dirigiu a mim, no primeiro recreio.

–Você dormiu sobre meus papéis? Alguém tocou neles?

–São papéis? perguntei surpreendida. Ela não me havia proibido de abrir a

caixa, mas foi como se o tivesse feito pois, apesar da minha curiosidade, eu, não ousei abri-la. Você não me disse que eram tesouros?

Me olhou, entre arrogante e surpreendida.

–Sim, são tesouros.

Uma semana depois, lembrei-a da caixa.

–Não, não a traga agora. Eu te falo quando.

Transcorrido o tempo que ela considerou prudente foi procurar a caixa. A acompanhei até o ponto de ônibus. Ela ia muito concentrada. Quando nos despedimos ela me disse:

–Este é um ato de confiança muito grande. Você será minha amiga para toda a vida.

Violeta sempre escreveu, diários? Ela não os chamaria assim. Rascunhos.”Para ordenar minha cabeça”, dizia. Era fácil contentá-la. De cada viagem eu trazia para ela algum bonito caderno. *Notebooks, but not golden.*

Lembro de um com a fotografia de Virginia Wolf na portada.

Outro em cujo papelão reluzente que reproduzia o *Senecio* de Paul Klee. E os que se forravam com tecidos de cores, esses eram seus preferidos. Suas páginas virgens, suaves, incitadoras como o corpo de uma jovem para um homem maduro, dizia Violeta ao passar suas mãos por elas.

Os pistaches e os cadernos: era fácil escolher presente para Violeta. Não exigia concentração.

Ela acumulava cadernos. Sua letra era muito grande, bonita, desordenada e generosa. Os consumia rapidamente, mais ainda se chegavam a suas mãos em algum momento de crise. Eu poderia afirmar que durante seu matrimônio com Eduardo completou mais cadernos que no resto da sua vida.

Consegui salvá-los. Não tolerei a idéia de ver sua intimidade nas mãos da imprensa, ou da polícia. Qual seria a mais inumana das duas? Aquele dia foi tão casual, e já faz um par de meses... Estávamos na galeria –não podíamos estar em outro lugar com Violeta, sempre dentro da sua casa– e ela interrompeu a conversa, olhando o baú, como se lembrasse algo que tinha de esquecer logo.

–Saiba que eu não lembro mais nada. Não sei o que acontece com minha cabeça, o dia que exploda, encontrarão dentro milhões de quadradinhos com

anotações de tudo o que não devia esquecer, as muitas estupidezes diárias. Somente para isso parece existir a cabeça, pelo menos a minha... e detrás dos quadradinhos aparecerá um pó preto que será a medida do esforço que tenho feito para lembrar de uma dessas coisas. E acredite que haverá mais pó que quadradinhos...

–E o que é que não tem que esquecer desse baú?

–Ah!, sim. Isso... se algo me acontecer, Josefa, imagine que morro sem advertência, de um ataque no meio da rua, ou qualquer outra coisa; meus jornais estão no baú. Por favor, faça algo com eles, protéja-os.

Eu ri.

–Então para que os escreve?

–Porque não posso deixar de fazê-lo, é minha única recomendação. Você promete?

–Prometo, sim.

–Já, resolvido, uma coisa a menos. Tantas vezes tenho me dito: “preciso pedir à Josefa...” Depois vejo você e esqueço. De que estávamos falando? Sim, sobre Pamela. Continue me contando.

Não precisei olhar os jornais da manhã seguinte: as ligações telefônicas de inumeráveis jornalistas me fizeram supor aquilo. Era minha fotografia, eu estava entrando na casa de Violeta e a imprensa fazia conjecturas sobre nossa relação.

O que fazia eu ali? Essa era a grande pergunta.

Nada para responder. Não aceitei nenhuma ligação. Se normalmente não os agüento, muito menos este dia. Me tranquei no meu estúdio. Não abri à porta nem às crianças.

Pedi para Andrés que chegasse cedo e tomasse conta de tudo... A casa inteira vibra. Todos estamos sumamente inquietos. Faço esforços para dissimular.

Preciso arrumar um lugar para Jacinta entre nós.

Me surpreende de que maneira se repete a história: minha mãe trouxe Violeta para nossa casa quando éramos crianças. Bom, as circunstâncias eram diferentes, mesmo que não devo supor que o abandono em que se encontra Jacinta agora seja maior que aquele no qual se encontrava Violeta nessa época.

Tarde ou cedo precisarei declarar.

De que falarei? Da infância? Do colégio?

Dos óculos celestes com marco de tartaruga, prolongados nas suas pontas? Não, não chega. Vou ter que falar da festa de fantasmas, sobre o atraso de Violeta essa noite, quando meu maquiador a converteu nesse precioso palhaço de cara fúcsia. E sobre o gin. Também sobre seu temor.

Josefa, aviso a você, estou muito atrasada, Eduardo vai ficar bravo.

Mas não é suficiente. A única defesa possível seria falar sobre o último bosque, aquele lugar para acolher o sonho de Violeta. E sobre a casa do moinho. Sim, é do único que devo falar.

Contar a história de uma mulher.

Uma mulher é a história de seus atos e pensamentos, de suas células e neurônios, de suas feridas e entusiasmos, de seus amores e desamores. Uma mulher é, inevitavelmente, a história de seu ventre, das sementes que nele fecundaram, ou deixaram de fecundar. Só se lembra daquele momento, o único em que foi deusa. Uma mulher é a história do pequeno, o trivial, o cotidiano, a soma dos silêncios. Uma mulher é sempre a história de muitos homens. Uma mulher é a história do seu povo e da sua raça. E é a história das suas raízes e da sua origem, de cada mulher que foi alimentada pela anterior para que ela nascesse. Uma mulher é a história do seu sangue. Mas também é a história de uma consciência e de suas lutas anteriores. Também uma mulher é a história de sua utopia.

Violeta!

Esta pretende ser a história de Violeta, a minha não se entrelaça tanto com a dela. Mas nossas biografias não me permitem o afastamento necessário. Também algumas marcas comuns, como o sentido da perda, o da exclusão e, certamente, o desprezo pelo escuro.

Provavelmente, ela definiria sua vida como uma história de paixão. Não obstante, se eu estender meu olhar, acho que não, não é só a paixão. A história de Violeta é uma história de saudades.

ANTIGUA VIDA MÍA

(Fragmento)

MARCELA SERRANO

Primera Parte

FIN DE FIESTA

(Según el grabado de José Clemente Orozco,
Hospicio Cabañas, Guadalajara)

1.

Hoy cayó el muro de Berlín. Todo ha comenzado este 9 de noviembre de 1989, con la caída del muro. ¿Cómo sospechar cuánto más se derrumba con él?

Fue lo que dijo Violeta Dasinski ese día.

Debí ser testigo, si hubiese estado más atenta.

Su mirada en la fotografía ofrece un desamparo que no he advertido hasta ahora. Como si su conciencia se disolviese en sus ojos.

La fecha del inicio público de la vida de Violeta Dasinski fue el día que apareció su nombre en la primera página de los diarios, el 15 de noviembre de 1991.

Fuí despertada, de golpe llegaron el fin de los sueños y el comienzo de la memoria. Bruscamente volví atrás, retomando el recuerdo previo al largo paseo del inconsciente. Andrés me traía el desayuno y, en la bandeja, el diario de la mañana. Entonces la vi.

Escruté ese rostro en la fotografía. Pero es otra la Violeta que me persigue: la escarcha fucsia sobre su máscara de arlequín —¿payaso o Pierrot?— y las manos

del maquillador transformándola en la tristeza veneciana, confetti dorado y rojo sobre su cuello.

Yo tenía una tarea.

Tomé las llaves del auto y partí.

–Va a estar toda la prensa, Josefa. ¡No lo haga! –Andrés no disimulaba su preocupación.

–No tengo alternativa.

–Entonces voy yo.

–No, éste es un asunto mío con Violeta.

A medida que avanzaba hacia el barrio de Ñuñoa, un escalofrío se iba deslizan- do por mi cuerpo. Al enfilar por la calle Gerona para estacionar frente a la casa de Violeta, vi a dos policías resguardando la puerta de entrada. Efectivamente, toda la prensa estaba allí, al acecho.

Reconocerme pareció darles nuevos bríos, y como una avalancha se lanzaron sobre mí. Los dos policías salieron en mi defensa. Uno me tomó del brazo.

–¡Pero si es usted! ¿Y qué viene a hacer aquí?

–Quiero entrar, tengo que hablar con su hija.

–La casa está vacía. A la niña se la llevaron.

–Por favor, déjeme entrar. Soy amiga de la familia. Necesito sacar algo –el ca- rabinero me miró perplejo–. Son cosas mías, las dejé aquí hace unos días y no quie- ro que vayan a parar a manos ajenas... –mientras yo bajaba el tono, la perplejidad crecía en su mirada–. Sea bueno...

No me cupo duda de que su deseo era franquearme la entrada, pero le compli- caba hacerlo. Miró a su compañero. Éste mantenía a raya a los periodistas, que no se daban por vencidos y trataban –a gritos– de hacerme preguntas.

–Venga usted conmigo –le propuse–, así podrá comprobar que no tengo ma- las intenciones.

–No creo eso, señora. Vamos, por ser usted... La acompaño.

Avancé, sintiendo los pasos del carabinero a mis espaldas e intuyendo su cu- riosidad: casi podría haberla tocado. Ya en el interior de ese largo oscuro corredor

ñoñoño –todas las persianas cerradas–, me dirigí sin titubear al fondo, a la galería. El sol de la mañana entraba sin pedir permiso por los miles de pequeños vidrios del ventanal. Detrás de ellos, el nostálgico patio solo. Me sobresalté, como si Violeta estuviera esperándome sentada en el floreado sillón de lino. En el aire, algo de sus inciensos, de sus velas perfumadas. Es que Violeta y esa galería eran la misma cosa, una le traspasaba su sentido a la otra, asimilándose, fundiéndose. Pero por cierto, ella no estaba.

En el costado derecho, apoyado contra el grueso muro verde, reposaba el baúl. La caja rectangular, de mimbre barnizado entre castaño y amarillo, hacía frente a los mil vidrios y me aguardaba. "Mi abuela Carlota lo salvó del terremoto de Chillán", me había contado muchas veces Violeta, como si yo no lo supiera. Lo abrí con prisa –nunca funcionó su llave– y hurgué en aquel orden desordenado: libros, libretas, blocks, impresos, dibujos. Mi mente trabajaba: dónde están, no puede registrarlos todos, se supone que son míos, que debo saber... Los vi, eran varios cuadernos desiguales, atados con un simple cordón. Y sobre ellos, un gran cuaderno empastado en cuero marrón. Si no se lo hubiese regalado yo misma, difícilmente habría podido reconocerlo. Lo tomé resuelta y el carabinero pareció aliviado.

–¿Eso es todo?

Vacilé. ¿Y los otros, estaban amarrados?

Un solo cuaderno en mis manos parecía inofensivo, creíble, un objeto que yo misma hubiese olvidado. Pero, ¿todos los demás? No tenía corazón para dejarlos allí. Se lo debo a Violeta, me dictó la culpa, envalentonándome.

Los tomé.

–Esto es todo –lo miré, asertiva, mientras trataba de amoldar todo aquel bulto dentro de mi bolso.

–Señora... –titubeaba el pobre, su mirada oscura yendo del bolso a mis ojos, de mis ojos al bolso. Entonces hice algo impropio de mi carácter: le ofrecí un autógrafa. Aquella mirada oscilante se iluminó.

Avancé hasta el escritorio de Violeta. Por principio, ella siempre tenía papel fresco en la mano. Al lado de la resma descansaba un libro abierto en la página 90.

Luego de preguntarle al policía por su nombre de pila, la dediqué un largo y cariñoso saludo.

Mi salida fue triunfal. (Pobre Andrés, ¿cómo explicarle que él no lo había conseguido?) Tan concentrada había estado en mi tarea que había olvidado a la prensa. Me dio una rabia tremenda cuando, el cruzar el portón, sentí el calor de los focos en la cara: la televisión había llegado. Le pedí sin vacilar al carabinero, con su autógrafa en el bolsillo, que me escoltara hasta el auto: yo no tenía nada que declarar.

A las tres cuadras mi aparente prestancia se derrumbó. Es que al acercarme al escritorio de Violeta había leído la página 90 de ese libro abierto. No pude dejar de hacerlo. Supongo que fue lo último que Violeta leyó. Aquellos dos párrafos, subrayados con línea insegura y en tinta café, me sobrecogieron.

La página era "Poem of Women", de Adrienne Rich. Ay, Violeta, no fue mi deseo afanarme en el desencuentro. No, créeme que no elegí ser esa testigo desatenta de lo que estaba pasando.

Puedo reproducir lo subrayado, me lo sé de memoria:

And all the limbs of a woman plead for the ache of birth.

And women come sown ti lie sick sheep

By the wells -to heal their bodies,

Their faces blackened with year-long thirst for a child's cry

...

and pregnant women approach the white tables of the hospital

with quiet steps

and smile at the unborn child

and perhaps at death.¹

1 Y el cuerpo entero de la mujer suplica por el dolor del parto. / Y entonces bajan ellas, las mujeres, cual ovejas heridas, / buscando la sanación de sus cuerpos -junto a los pozos-, / sus rostros ensombrecidos por la larga y sedienta espera del llanto de un recién nacido. / (...) y las mujeres encintas se acercan a las blancas camillas del hospital / con pasos silenciosos / y le sonríen al niño aún no nacido / y le sonríen, acaso, a la muerte.

Violeta, dime que tu sonrisa fue para el niño no nacido, pero no me lo digas si fue para la muerte.

Es que durante el sueño había vuelto a mí una imagen olvidada. Esta imagen estableció, en ese difícil momento del despertar, una relación entre el presente y la víspera. Andrés apareció con el diario. Comencé a adaptarme a esta nueva realidad cuando sentí la puntada en la sien, no antes.

Una imagen de la infancia.

Violeta llegando a mi casa con una caja de cartón en las manos. Era bastante grande y el leve temblor de su cuerpo delataba el esfuerzo que había hecho para sostenerla, cuidadosamente, durante el recorrido en micro de su casa a la mía.

—¿Me la puedes guardar?—sus ojos de niña, interrogantes y recelosos a la vez.

Con el mismo resquemor con que se entrega un botín en custodia, estiró sus manos depositando la caja en las mías.

—¿Cuál es el lugar más tuyo de toda tu casa, donde no llegue nadie más que tú? Tan serias sonaban sus palabras, que hice un esfuerzo para responder a su altura.

—Mi cama.

—Ya. Vamos.

Subimos silenciosas hasta mi habitación. Me quitó la caja y ella misma la metió debajo de la cama.

—Listo.

Se disponía a partir cuando le pedí una explicación.

—Mañana es la famosa mudanza y sé que nadie va a respetar mis cosas. Los grandes creen que son cachivaches. Por eso quiero que tú guardes todos mis tesoros hasta que pase el peligro, cuando hayan arreglado la casa nueva. Así, nadie puede botarlos.

Al irse me clavó la mirada.

—Me los vas a cuidar, ¿verdad, Josefa?

Al día siguiente me abordó en el primer recreo.

—¿Dormiste sobre mis papeles? ¿Nadie los ha tocado?

—¿Son papeles?—pregunté asombrada. No me había prohibido abrir la caja, pero fue como si lo hiciera, a pesar de mi curiosidad no me atreví—. ¿No me

dijiste que eran tesoros?

Me miró entre arrogante y sorprendida.

—Sí, son tesoros.

Transcurrida una semana, le recordé la caja.

—No, no me la devuelvas ahora. Yo te aviso cuándo.

Pasado el tiempo que consideró prudente, fue a recogerla. La acompañé al paradero del bus. Iba muy concentrada. Cuando nos despedimos, me dijo:

—Éste es un acto de confianza muy grande. Serás mi amiga de toda la vida.

Violeta siempre escribió. ¿Diarios? Ella no los llamaría así. Apuntes. "Para ordenarme la cabeza", decía. Era fácil contentarla. De cada viaje yo le traía algún cuaderno bonito. *Notebooks, but not golden.*

Recuerdo uno con la fotografía de Virginia Wolf en la portada.

Otro en cuyo cartón reluciente se producía el *Senecio* de Paul Klee. Y los que se forraban con telas de colores, éstos eran sus favoritos. Sus páginas vírgenes, suaves, incitadoras como el cuerpo de una joven para un hombre maduro, decía Violeta al pasar sus manos por ellas.

Los pistachos y los cuadernos: fácil Violeta para regalar. No me exigía concentración.

Los acumulaba. Su letra era muy grande, bonita, desordenada y generosa. Los consumía rápido, más aun si llegaban a sus manos en algún momento de crisis. Me atrevería a afirmar que durante su matrimonio con Eduardo llenó más cuadernos que en el resto de su vida.

Logré salvarlos. No resistí la idea de ver su intimidad en manos de la prensa o la policía, a cuál de ambas más despiadada. Es que fue tan casual ese día, hace un par de meses... Estábamos en la galería—nunca se estaba en otro lugar con Violeta, dentro de su casa—y ella interrumpió la conversación al mirar el baúl, como si recordara algo que temía olvidar pronto:

—Sabes, ya no retengo nada. No sé qué le pasa a mi pobre cabeza, el día que estalle encontrarán adentro miles de cuadraditos con anotaciones de todo lo que no debía olvidar, las mil estupideces diarias. Para eso solamente parece estar la cabeza, o al menos la mía... y detrás de los cuadraditos aparecerá un polvo negro que

será la medida de esfuerzo que he hecho por acordarme de una de esas cosas. Y créeme que habrá más polvo que cuadrados...

—¿Y qué es lo que no tienes que olvidar de ese baúl?

—Ah, sí. Eso... si me pasa algo, Josefa imagínate que me muero sin aviso, un ataque en plena calle, cualquier cosa: mis diarios están en el baúl. Por favor, haz algo con ellos, protégelos.

Me reí.

—¿Para qué los escribes, entonces?

—Porque no puedo dejar de hacerlo, es mi único orden posible. ¿Me lo prometes?

—Sí, te lo prometo.

—Ya, despachado: una variable menos. Tantas veces me he dicho: tengo que pedirle a Josefa... Luego te veo y se me olvida. ¿En qué estábamos? Ah, en la Pamela. Sigue contándome.

No necesité mirar los diarios a la mañana siguiente: las llamadas telefónicas de innumerables periodistas me lo hicieron suponer. Era *mi* fotografía esta vez, entrando en la casa de Violeta, y la prensa haciendo conjeturas sobre nuestra relación.

¿Qué hacía yo ahí? Ésa era la gran pregunta.

Nada que responder. No acepté que me pasaran ni un solo llamado. Si en tiempos normales no los tolero, mucho menos ese día. Me encerré en el estudio. Ni a los niños les abrí la puerta.

Le pedí a Andrés que llegara temprano y se hiciera cargo... La casa entera vibra, convulsionada. Estamos todos igualmente inquietos. Hago esfuerzos para disimular.

Tengo que acomodar un lugar para Jacinta entre nosotros.

Me sorprende cómo se repite la historia: mi mamá trajo a Violeta a nuestra casa cuando éramos niñas. Bueno, las circunstancias eran distintas, aunque no debo suponer que el abandono en que se debate ahora Jacinta sea mayor que el de Violeta en esa época.

Tarde o temprano tendré que declarar.

¿De qué hablaré? ¿De la infancia? ¿Del colegio?

¿De los anteojos celestes con marco de carey, alargados en sus puntas? No, no

basta. Voy a tener que hablar sobre la fiesta de disfraces, sobre el atraso de Violeta esa noche, cuando mi maquillador la convirtió en ese precioso payaso de cara fucsia. Y sobre el gin. También sobre su temor:

Josefa, avísale tú, me atrasé tanto, Eduardo se va a enojar.

Pero no basta. La única defensa posible sería hablar sobre el último bosque, el lugar aquél para guarecerse, el sueño de Violeta. Y sobre la casa del molino. Sí, es lo único de lo que debo hablar.

Contar la historia de una mujer.

Una mujer es la historia de sus actos y pensamientos, de sus células y neuronas, de sus heridas y entusiasmos, de sus amores y desamores. Una mujer es inevitablemente la historia de su vientre, de las semillas que en él fecundaron, o no lo hicieron, o dejaron de hacerlo, y del momento aquél, el único en que se es diosa. Una mujer es la historia de lo pequeño, lo trivial, lo cotidiano, la suma de lo callado. Una mujer es siempre la historia de muchos hombres. Una mujer es la historia de su pueblo y de su raza. Y es la historia de sus raíces y de su origen, de cada mujer que fue alimentada por la anterior para que ella naciera:

Una mujer es la historia de su sangre.

Pero también es la historia de una conciencia y de sus luchas anteriores. También una mujer es la historia de su utopía.

Violeta.

Ésta quisiera ser la historia de Violeta, si la mía no se entretajara tanto con la de ella. Pero nuestras biografías no me permiten la distancia necesaria. Tampoco algunas marcas comunes, como el sentido de la pérdida, el de la exclusión y cierto desprecio por lo opaco.

Probablemente, ella definiría su vida como una historia de pasión. Sin embargo, si extendiendo la mirada, creo que no, no es sólo la pasión. La historia de Violeta es una historia de añoranza.

MARCELA SERRANO

Nació en Santiago de Chile en 1951. Hija de la novelista Elisa Pérez Walker (Serrano en su apellido de seudónimo) y del ensayista Horacio Serrano, es la cuarta de cinco hermanas. Con dos de ellas vivió durante un año en París siendo estudiantes. Ha estado siempre comprometida con la realidad política de su país, siendo militante de la izquierda, y es defensora de las reivindicaciones feministas porque, como ella misma afirma, "definirse feminista es definirse ser humano". Tras el golpe de estado se exilió en Roma, donde trabajó para los viveros municipales durante un tiempo.

Regresó a Chile en 1977, entrando en contacto con grupos artísticos; a principios de los ochenta montó su primera exposición. Se licenció en grabado en la Universidad Católica entre 1976 y 1983, y trabajó en diversos ámbitos de las artes visuales, en especial en instalaciones y acciones de arte como el body art, ganando un premio del Museo de Bellas Artes por un trabajo acerca de las mujeres del sur de Chile, pero pronto abandona estas actividades por completo.

Aunque empezó a escribir a edad muy temprana, no publicó su primera novela, *Nosotras que nos queremos tanto*, hasta 1991. Fue una de las revelaciones de ese año. Esta obra fue además la ganadora del Premio Sor Juana Inés de la Cruz (1994), y también en 1994, del premio de la Feria del Libro de Guadalajara (México) a la mejor novela hispanoamericana escrita por una mujer. Dos años más tarde publica *Para que no me olvides*, que en 1994 obtiene el Premio Municipal de Literatura, en Santiago de Chile. Escribe su tercera novela, *Antigua vida mía* (1995), en Guatemala. Le sigue *El albergue de las mujeres tristes* (1997). Tras múltiples ediciones de las anteriores, publicó en 1999 la novela negra *Nuestra señora de la soledad*.

Marcela Serrano es una de las figuras más destacadas de la nueva narrativa de su país y de América Latina.



PRESIDENCIA *de la* NACIÓN

MINISTERIO *de*
EDUCACIÓN
CIENCIA y TECNOLOGÍA



Organización
de Estados
Iberoamericanos

Para la Educación,
la Ciencia
y la Cultura

